BRÉAL, Michel. *Ensaio de semântica*. São Paulo, EDUC/ Pontes, 1992. 223p.

Resenhado por: Ione M. G. Bentz

A tarefa é resenhar Bréal. Por onde começar? Que se comece, na trilha dos historiadores, por reafirmá-lo como o fundador da Semântica. Mais do que um título, é o reconhecimento de um trabalho que tem por objeto o estudo do significado das palavras, os processos e causas responsáveis pelas mudanças de sentido e as implicações da gramática clássica. *Ensaio de Semântica* é uma obra que percorre a história da língua buscando explicações possíveis para as transformações cujas causas são postuladas como intelectuais, do espírito, e cuja regulação é feita por leis que são predominantemente de ordem psicológica.

Em vários pontos de sua reflexão há referência à inteligência e ao espírito. Quando se fala de gênero ou dos compostos, tais articulações são atribuídas ou à permanência no espírito ou à sua natureza. O rastro teórico aí evidenciado encontra facilmente contestação à luz das teorias contemporâneas sobre a linguagem.

Bréal reconhece na linguagem a existência de leis, ou seja, regularidades percebidas nas línguas e suas gramáticas. Assim as enumera: lei da especialidade, da repartição, da irradiação, da sobrevivência, das falsas percepções, da analogia, das novas aquisições e da extinção das formas inúteis. Em todas elas encontra-se um pensamento inteligente. As leis fonéticas não reinam sem controle. Elas não podem destruir uma palavra indispensável, ou simplesmente útil, assim como não podem fazer durar uma forma supérflua.

Considera apropriado que os estudos na área sejam iniciados pela língua materna por requerer um conhecimento “último e direto”, já que as observações de que se ocupa o semanticista “se ocultam um pouco mais ao olhar”. As linhas gerais da semântica precisam ser traçadas e, então, verificarem-se as ocorrências em outros idiomas e nelas entrarão os fatos de uma mesma ordem.

Especificando um pouco mais sua compreensão, afirma que a semântica propriamente dita ou “ciência das significações” ocupa-se com o exame dos porquês das transformações de sentido nas palavras, ocorram elas por restrição ou expansão. As respostas adequadas só poderão vir do conhecimento da história. Só a história de uma língua pode dar às palavras “o grau de precisão de que temos necessidade para compreendê-las bem.”

Os estudos de Linguística Diacrônica, ora em desenvolvimento, conferem uma nova dimensão aos estudos históricos. Sua relevância é inegável no sentido que ele atribui, metodologicamente, à Linguística contemporânea.

Preocupado com a história dos sentidos, o autor aponta como de real impor-

tância a ação que as palavras de uma língua exercem, à distância, umas sobre as outras. Influenciam-se mutuamente e transformam-se em várias faces. A possibilidade de as palavras possuírem várias acepções, Bréal denomina polissemia. Acredita-se também essa metalinguagem criação sua.

As causas que fazem com que as palavras tomem um sentido novo, agregue-se o fato de a linguagem possuir suas próprias leis e de receber a repercussão dos acontecimentos exteriores que escapam a qualquer classificação. As várias acepções podem por um conjunto de circunstâncias serem neutralizadas.

À diversidade do meio social como causa de crescimento e renovação do vocabulário, soma-se a capacidade de construir sentidos figurativos, ou seja, metáforas. O autor tem o mérito de reconhecê-la como linguagem de todo dia, como uso simples e freqüente. Estruturadas a partir das mais variadas analogias, as associações em alguns casos distanciam-se de tal modo que caem no esquecimento e, sincronicamente, passam a constituir diferentes vocábulos.

Ao lado de tantas e tão boas intenções, o autor reconhece o caráter duradouro do significado, resultante da relação que o uso estabelece entre “o signo e o objeto significado”, ou, como se diria hoje, entre o signo e a referência. Releva, ainda, o papel dos falantes na validação das construções lingüísticas, fator que os estudos posteriores só vieram confirmar e consolidar.

Diz ele que “em matéria de linguagem, os erros do povo tornam-se, pouco a pouco, verdades”. Entretanto, embora critique as prescrições elitistas dos eruditos sobre a pureza da língua, de suas concepções sobre inteligência, vontade, espírito, aperfeiçoamento do homem pela linguagem e, sobretudo, pela sua perspectiva teórica, resulta a impressão de que reconhece a crítica de valor, ou pelo menos, deixa entrever o papel especial que é conferido às observações feitas por teóricos de largo conhecimento da história da língua, ou seja, críticos abalizados.

Tema caro aos estudos discursivos, não se poderia omitir a preocupação de Bréal com a subjetividade. Reconhece a existência de classes gramaticais — como advérbios e adjetivos, entre outras — explicitadoras — das “reflexões e sentimentos pessoais”. Reconhece a existência do elemento subjetivo, embora o trate de modo estratificado como contrário a objetivo e compreenda as pessoas do verbo a partir da lógica aristotélica. O homem reservaria a si, de modo absoluto, a primeira pessoa; a segunda pessoa é reduplicação da primeira e a terceira representa a parte objetiva da linguagem.

Não se aplica a *Ensaio de Semântica* a lei da extinção das formas inúteis. É um livro fundamental para a formação do semantista com vistas à compreensão das teorias da significação e importante para o exercício da crítica teórica e da metacrítica.